

## O DISCURSO DA PERMISSIVIDADE DO CORPO MASCULINO EM REDE

### PERMISSIVENESS DISCOURSE OF THE MALE BODY IN THE MEDIA

Giordan Victor Santos Costa<sup>i</sup>  
Antonio Genário Pinheiro dos Santos<sup>ii</sup>

**Resumo:** Valendo-se da arqueogenealogia foucaultiana, objetivamos com o presente trabalho realizar uma análise discursiva das publicações da conta/perfil *Quebrando o Tabu* (QoT), no Instagram, discutindo a construção do discurso de permissividade calcado na herança de supremacia do olhar masculino sobre o corpo. Com isso, buscamos dizer da evidência do masculino como signo de uma régua social que condiciona o corpo feminino à imoralidade e, para tanto, nos ancoramos à Análise do Discurso na esteira dos pressupostos teóricos e metodológicos de Michel Foucault (2004, 2005, 2007, 2014). Como direção de leitura, notamos que o corpo, na sua condição de produção histórico-discursiva, está alinhado a uma práxis do dizer, instigando os sujeitos a ocupar posições e oportunizando a materialidade de efeitos de sentido de permissividade, naturalização e operações, concomitantemente, de evidência e de silenciamento. No escopo de uma crítica às ferramentas e às formas de dizer o corpo em tela, entendemos que é preciso pôr em suspenso os agrupamentos de saber e as sínteses históricas que discursivizam e apresentam o sujeito, e o seu corpo, segundo efeitos de uma continuidade natural. Refletimos que é a partir desses trajetos de continuidade e visibilidade estratégica que é fossilizada a disparidade de lugares sociais entre o masculino e o feminino.

**Palavras-chave:** Arqueogenealogia foucaultiana. Instagram. Corpo. Relações de gênero. Visibilidade midiática.

**Abstract:** Based on the Foucaultian archaeogenealogy, this paper intends to do a discursive analysis of the posts from the profile *Quebrando o Tabu* (QoT), discussing about the construction of the permissiveness discourse which is linked to the priority of the male eye about the body. Hence, we try to clarify the masculinity as a mark of a social rule that causes the feminine body to be associated with immorality. We develop the reflections based on the Discourse Analysis as per the theoretical and methodological contributions of Michel Foucault (2004, 2005, 2007, 2014). As research north, we comprehend that the body, as a historic-discursive production, is highlighted as a praxis of saying that requires the subject takes positions of subjectivity and provides the meaning effects of permissiveness, naturalization, as well as evidence-silence operations. As a critique of the media tools and ways to show and talk about the body, we understand the need of hanging the knowledge clusters and the historical references that address the subjects and theirs effects of naturalcontinuity. From our perspective, this kind of strategic visibility makes us to assumption of a mismatch amongthe places reserved for subjects when we observe the correlation between masculine and feminine.

**Keywords:** Foucaultian archaeogenealogy. Instagram. Body. Gender relations. Media visibility.

### Introdução

Temas sensíveis e polêmicos nunca tiveram tanta ênfase quanto na contemporaneidade. Nesse tempo de liquidez da vida privada e de inserção midiática do cotidiano, temáticas diversas percorrem e preenchem o espaço de visibilidade pública e, no

escopo das mídias digitais, transformam textos e imagens em objetos-signos de acontecimentos plurais. Nessas condições, o corpo deve ser tratado como objeto de investigação, em especial, quando é considerada a sua inscrição e mobilização na dimensão de virtualidade típica dos ambientes de interação mediada.

Na sua acepção de espaço de produtividade de dizeres e sentidos, as redes sociais constituem-se como um lugar heterotópico (FOUCAULT, 2009) que não apenas possibilita, mas, sobretudo, que potencializa o trânsito de discursos os mais diversos. Discursos esses que reforçam, relativizam, constroem, distanciam e aproximam dizibilidades positivadas acerca do sujeito e do corpo. O corpo como objeto de discurso, como produção sócio-histórica, apanhado na arena de batimento discursivo que traz à tona e ratifica a tensão, o choque entre masculino e feminino, no espaço de interseccionalidades, lutas e engajamentos, é o que nos interessa neste estudo.

Valendo-nos da arqueogenealogia foucaultiana, objetivamos com o presente trabalho<sup>1</sup> realizar uma análise discursiva das publicações da conta/perfil do Instagram *Quebrando o Tabu (QoT)*, de modo a discutir a construção do discurso de permissividade que se mantém atrelado à herança de supremacia do olhar masculino sobre o corpo. Buscamos, com isso, dizer da evidência do masculino como signo de uma régua social que condiciona o corpo feminino à imoralidade, discorrendo sobre as estratégias discursivas, os vieses de discurso, sobre as relações de saber-poder que então são instauradas – e não outras em seu lugar (FOUCAULT, 2005) – nessas ordens de visibilidade e de dizibilidade, isto é, nas muitas formas de dizer o corpo em rede. Trata-se da problematização acerca da midiatização e da atenção dada à revelia de sentidos a partir de um discurso afirmativo acerca do corpo masculino.

Conforme sinalizado acima, ancoramo-nos aos pressupostos teóricos emetodológicos de Michel Foucault (2004, 2005, 2007, 2014) a partir dos quais lançamos mão, dentre outros, dos conceitos de discurso enquanto prática, de sujeito como posição, de denunciado na sua condição de função e de saber-poder como vetor de capilaridade dos

<sup>1</sup>A versão completa desse texto encontra-se publicada como capítulo do e-book *A potência dos discursos no presente: gestos de leitura do acontecimento* (Marca de Fantasia – João Pessoa/PB, 2023) e é produto de projeto de pesquisa IC, vinculado ao Grupo de Pesquisa *Práticas Linguísticas Diferenciadas* - Felcs/UFRN.

dizeres. Nosso percurso, é importante ressaltar, nos leva a questionar a mídia como fato de discurso, isto é, como espaço que nos possibilita falar sobre o corpo como produção inscrita em tramas sinuosas de historicidade e, para além disso, como objeto cedido à minúcia de um controle.

Olhar o corpo não só como ferramenta que instrumentaliza o batimento entre saber e poder, mas, sobretudo, como construção cujo condicionamento histórico-discursivo nos leva a lidar com diversas formas de veridicção, verdades em trânsito, exige pensar a ocupação de posições de sujeito – posições de subjetividade – e, nesse caminhar, discutir a materialização de efeitos de sentido não estáticos e nem estanques. Assim, no escopo de uma crítica às ferramentas e às formas de dizer o corpo em tela, entendemos que é preciso pôr em suspenso os agrupamentos de saber e as sínteses históricas que discursivizam e apresentam o sujeito, e seu corpo, segundo efeitos de uma continuidade natural. Refletimos que é a partir desses trajetos de continuidade e visibilidade estratégica que é fossilizada a disparidade de lugares sociais de margem entre o masculino e o feminino, segundo operações que ligam o falar sobre o corpo a manobras, ao mesmo tempo, de evidência e de silenciamento.

Esperamos, a partir do embasamento teórico e metodológico, perceber a comunicação do corpo masculino frente ao feminino na rede midiática Instagram e, neste ínterim, discutir como o corpo masculino pode se desnudar sem represálias. Além disso, buscamos sinalizar como tal discurso vem fomentar e construir a régua social, silenciando o corpo feminino e aproximando-o da discursividade que institui ao feminino a necessidade do ‘cobrir-se’. Ensejamos, assim, problematizar a política de conversão do olhar, atentando para o modo como se operacionalizam e se efetivam as estratégias de *fazer ver*, as quais vêm insinuar efeitos de uma moralidade como força e princípio que deve prevalecer.

No que tange aos momentos desse texto, iniciamos com a apresentação de nossas questões centrais, delineando nosso caminho, nossa abordagem do objeto, assim como fizemos até aqui. Esse momento primeiro compreende as seções da introdução e o delineamento que fazemos em *Dizer o corpo em tela: uma caracterização necessária*. Na sequência, mobilizamos uma discussão em *A fundamentação histórica do objeto discursivo no emaranhado de um presente* acerca de nosso arcabouço teórico a fim de situar nosso gesto

de leitura discursiva do objeto, destacando como este objeto é trabalhado na interface da mídia.

Depois disso, propomos um prospecto de análise no acirramento de uma cisão descritivo-interpretativista, isto é, a descrição e a interpretação numa relação dialógica e constitutiva. Conduzida a partir do tópico *Mamilos polêmicos: sentido e historicidade do corpo como objeto de dizer*, a parte em que tecemos a análise do objeto está disposta em dois momentos. No primeiro, que segue com o título de *Discursividade em rede: o corpo em trajeto de visibilidade*, tratamos da discursividade engendrada nessa temática, destacando como o sentido, enquanto operador de efeitos determinados, mantém-se atrelado a sínteses acabadas e a agrupamentos que imputam ao corpo o fastio de uma novidade. No segundo, com o título de *Corpo e discurso: no limiar de uma relação constitutiva*, buscamos problematizar como os poderes e saberes imputam regimes de recorte e de adestramento ao corpo, tratando-o como vetor econômico e apanhando-o na sua utilidade máxima.

Para efeito de conclusão, retomamos, nas nossas considerações finais, as questões e nortes de pesquisa a fim de alinhar a discussão empreendida aos objetivos inicialmente traçados e de situar o leitor acerca da crítica que fazemos às formas de dizer o corpo em tela. Nessa parte, indicamos a reflexão acerca do trajeto de continuidade e de visibilidade estratégica que fossiliza a disparidade de lugares sociais de margem entre o masculino e o feminino.

## **1 Dizer o corpo em tela: uma caracterização necessária**

Considerando que as redes sociais possuem múltiplas páginas que estão em uma luta irrefreável para alcançar cada vez mais destaque e proliferar a reflexão e questionamento através de fatos do cotidiano, diversos temas podem ser estudados à luz da Análise do Discurso a fim de ser empreendida uma leitura dos efeitos de sentidos que emergem nas publicações. Criada em outubro de 2010, a rede social Instagram é uma delas. Trata-se de um dos aplicativos mais famosos do mundo e que possui uma imensa quantidade de usuários.

Só no Brasil, no ano de 2022, foram contabilizados mais de 110 milhões de usuários<sup>2</sup> o que deixa o país, no ranking internacional, atrás apenas da Índia e dos Estados Unidos da América. O Instagram foi uma das primeiras redes sociais a se firmarem como redes de acesso exclusivamente móvel, isto é, um espaço de interatividade voltado, sobretudo, para o celular (RESULTADOS DIGITAIS, 2023).

Inicialmente, a rede social tinha por ênfase o compartilhamento de fotos, imagens as mais diversas, captadas no flagrante de uma câmera que recorta e que enquadra um momento familiar, uma ocasião íntima da vida particular, a manipulação sonoro-visual de uma produção fílmica; nas palavras de Milanez (2019), o material de uma audiovisualidade. Entretanto, ao longo dos anos, com a criação de conteúdo e o retorno financeiro a partir dela, o Instagram tem passado por atualizações de modo a ampliar não apenas a dimensão de interatividade que lhe é intrínseca, mas, também com o intuito de ratificar seu caráter de produtividade em relação a cultura da visibilidade do eu, de “*online selves* (eus digitais) diversos que perpassam a rede em busca de integração, de interação, de descoberta de si e do outro, e assim se constroem identidades múltiplas, diversas e virtualizadas” (OLIVEIRA, 2004, p. 209).

Usuários utilizam a rede para debater assuntos polêmicos e se engajar; essa ação gera um impacto expressivo na vida social, quando consideramos a capilaridade e disseminação de saberes e de reflexão acerca de problemas sociais. Nesse segmento, *Quebrando o Tabu* (QoT) é uma das contas do Instagram que apresenta expressiva notoriedade no Brasil, veiculando informações acerca da política, causas sociais, economia e educação, gerando a disseminação de discursos progressistas.

Os discursos materializados no respectivo perfil são meio para a produtividade do sentido, múltiplos efeitos de sentido, favorecendo a reflexão e o debate. São publicações que exaltam a figura masculina pela exposição de características biológicas (como o volume do membro sexual, por exemplo) e criticam a figura feminina pelo mesmo motivo. A partir disso, lançamos o questionamento acerca da permissividade e do tratamento que o corpo masculino recebe da sociedade que se incorpora à plataforma e a suas diretrizes,

---

<sup>2</sup>De acordo com dados publicados pelo Portal Opptuts disponíveis em: <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-instagram-existem-brasil-mundo/>

materializando-se a partir de efeitos de positividade. Esses efeitos são cunhados no sentido da virilidade, do instinto másculo, na predominância da natureza do físico animalesco da figura masculina. São efeitos de uma leitura contaminada que tenta nos imputar um trajeto de olhar o corpo considerado, em essência, como sùmula das leis de sua fisiologia (FOUCAULT, 2007).

Em função dessa operação de visibilidade e de resgate discursivo, a memória faz reverberar o lugar de negatividade ao corpo feminino, sob o efeito de uma política de coerção e de controle que instiga efeitos de indecência, incorreção, falta de pudor e imoralidade. As publicações do QoT dão relevo à problemática de corpo e gênero; a discursividade operada a partir da publicação realça uma crítica à própria plataforma na qual a página se encontra hospedada. Considerando a produtividade discursiva advinda dos batimentos, da discussão acerca do tema e das postagens feitas, tomamos aqui tais materialidades como objeto de análise.

Metodologicamente, lemos a conta QoT como um operador de discurso, tomada na sua condição irrefutável de produção histórica e, principalmente, de veículo produtor de subjetividade. Imputando-o um enquadramento midiático, isto é, tratando-o como objeto de mídia, buscamos empreender um olhar linguístico-discursivo para o sincretismo das publicações dispostas na página, de modo a trabalhar os conceitos teóricos que apresentamos e de trazer à tona a reflexão sobre a tensão entre corpo masculino e corpo feminino no ambiente de rede social.

## 2 A fundamentação histórica do objeto discursivo no emaranhado de um presente

Para a Análise do Discurso tudo importa, tudo que produz sentido, uma vez que todo e qualquer objeto pressupõe uma leitura discursiva. Faz parte da seara discursiva que se interessa pela colocação do objeto no escopo de suas próprias condições de emergência, de produção. Essa condição de produto social e historicamente determinado das materialidades de que falamos ou de que podemos falar é fundamental para o trabalho com os sentidos do discurso, visto que é a partir de um olhar crítico-linguístico, movimentado mediante a constituição de espaços de subjetividade do sujeito, a partir de condições de emergência

determinados, que é possível entender o sentido; trata-se de enxergá-lo não como um *já-lá*, não como o enigma de um tesouro a ser alcançado com prêmio final, mas como efeito, como possibilidade.

Segundo Foucault (2005), o discurso não é fechado em si, tão pouco é o sujeito. O discurso é uma produção que compreende a situação enunciativa, o sujeito e a memória. É a partir dessa relação que somos acionados a conferir sentido mediante sua inscrição sócio-histórica. Logo, o sentido não existe em si mesmo, não é uma instância, elemento, produção independente, que pode ser isolada e retida na relação causal entre as coisas. O sentido é signo de uma relação sempre possível entre o que se diz, o já dito e o jamais dito. O discurso e o sentido têm um alhures que lhes é, ao mesmo tempo, constitutivo e condição de existência.

Foucault (2005) nos mostra que é preciso dizer das relações - ou sistema de relações - que podem ser, necessariamente, chamadas de discursivas, de modo que seja possível dizer da especificidade do objeto e do próprio discurso, ali mesmo onde eles se levantam e se materializam.

As relações discursivas, como se vê, não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica [...]. Elas estão, de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes [...], determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los explica-los etc. Elas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, nas as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática (FOUCAULT, 2005, p. 51, supressões nossas).

Sob essa perspectiva, o sujeito não é dono do discurso, mas o efeito dele. Todavia, é pelo discurso que ele – o sujeito – assume uma *posição de sujeito*, filia-se a regimes de subjetividade os quais são, por sua vez, também delimitados mediante condições históricas, sociais, políticas, econômicas determinadas. Assim sendo, temos que não é qualquer sujeito que consegue ocupar qualquer posição e, no mesmo passo, nem tudo pode ser dito em qualquer lugar, de qualquer forma (FOUCAULT, 2014), pois as práticas discursivas estão sempre atreladas a manobras, a estratégias do dizer e possuem, elas, miras determinadas.

Neste ínterim, para apresentarmos aqui o corpo como discurso, isto é, como elemento do jogo de irrupção discursiva, é preciso dizer da sua transformação e da sua vinculação a poderes e a saberes que o disseram e o dizem ao longo da história. Na sua aceção de objeto do dizer, de lugar de inscrição de práticas de si, o corpo modificou-se ao longo do tempo, passando da definição positivista e dicionarizada de “conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do homem ou do animal, formado por cabeça, tronco e membros” (MICHAELIS, 2023) para a constituição de um princípio de individuação e de subjetivação.

Para além da disparidade de ambas as conceituações, vale ressaltar que, na primeira, o corpo recebe um revestimento anatômico, singular, divorciado da extensão social e da construção histórico-política que o corpo possui; na segunda, o objeto é aproximado da conjuntura política e das condições societárias que o atravessam. No entanto, para analisar as questões imbricadas ao corpo, é preciso ir além, vê-lo como elemento de sedimentação, isto é, como “sujeito às marcas e aos sinais físicos decorrentes de amplas séries de processos históricos, e a alma o depositante de sedimentação, de confrontação e de dinamização de uma série de campos de verdades historicamente constituídos, e em constante embate” (SILVEIRA; FURLAN, 2003, p.188).

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2004) apresenta os saberes e poderes para a domesticação do corpo e discute as amarras históricas e os movimentos de inscrição do corpo na ordem econômica da vida social. O corpo dócil é mais útil, ou seja, mais produtivo e essa disposição é alcançada no seio da disciplina. Mecanismos, instituições, práticas políticas buscam domesticar o corpo com o intuito de extrair o máximo de utilidade possível. Um corpo dócil nas palavras de Foucault é “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p. 126).

É importante destacar que as ciências humanas colocam o sujeito social como objeto de estudo, abrem portas para a concepção de normalização que atinge o corpo no trabalho voltado a sua inscrição em determinada ordem de regras, num cenário de normas que se sustentam em saberes determinados e se capilarizam na genealogia longa de um poder de miras. Trata-se de normas, regras de conduta vinculadas a práticas, discursos, os quais, segundo Foucault, garantem o estabelecimento de acirradas relações de saber-poder. Para Foucault (2004, p. 31) “o poder produz saber [...]; que poder e saber estão diretamente



implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Nessa conjuntura, vale a repetição em ratificar que o corpo é construído frente a questões históricas, políticas, filosóficas e sociais; para tê-lo aqui como nosso objeto de análise é preciso atentar para o espaço de descontinuidade, isto é questionar a linearidade aparente que o tenta inscrever num trajeto de multiplicação causal.

A descontinuidade é um conceito cunhado por Foucault que o oferece como princípio/ferramenta de fomento à análise dos discursos, dos saberes, dos poderes. Esse conceito é criado na oposição entre a história dita global e a história efetiva, esta que é irregular, heterogênea. No pensamento do autor, a história efetiva distingue-se daquelas dos historiadores pelo fato de que ela não se mantém suportada por uma única variável, por uma constância única. Trata-se de fugir dos laços da continuidade, pois “é preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa ‘reencontrar-nos’. A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser” (FOUCAULT, 2007, p. 79).

Para situar o leitor, precisamos direcionar que essa relação do discurso com a historicidade, na esteira do que agora apresentamos como descontinuidade e, ainda, aproximando a questão do sujeito e do corpo, é propositiva e nos dá sustentação para discorrer sobre o sentido que é produzido nas publicações da mídia, neste caso, nas publicações da página QoT. Dessa forma, entendemos que “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação” sendo que “esta não lhe é transmitida ou entregue pronta” (DAVALLON, 2007, p. 28).

Ao considerarmos o discurso como construto vinculado ao descontínuo, temos a possibilidade de entender tal dinâmica a partir de relações sempre possíveis. Assim sendo, temos que o discurso sempre reclama uma *relação a e*, nessas condições, notamos o imbricamento de saberes e poderes, num jogo insidioso de afirmação, de enquadramento, de conceituação.

Partimos da ideia de que o saber é um conjunto ordenador de enunciados, de práticas discursivas, que busca ser coerente, harmonioso e universal. Fruto de operações que perseguem efeitos de legitimidade, credibilidade e universalidade, o saber conjura espaços

de poder e, este último, por sua vez, lhe dá suporte para uma efetividade capilar na sociedade. O saber está ligado aos princípios da dominação, uma vez que é a partir dessa dominação que irá regularizar as práticas discursivas em uma determinada temporalidade. Ele é elemento incisivo que delinea, marca, produz, molda o conhecimento, a epistemologia, o pensamento, a vida social; é força perigosa que permite, condena, acende, afasta, baliza. O saber “não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (FOUCAULT, 2007, p. 28).

Assumindo o corpo como produção discursiva podemos atribuir destaque aos saberes pulverizados em sua construção, através de um olhar crítico que atrela um exercício de descrição e de interpretação. Podemos, assim, tratar dos discursos, dos dizeres e dos efeitos de sentido que trazem o corpo ao centro de uma semanticidade carregada de valores, ideologias, recortes e manobras, como objeto de poder. É importante fazermos uma entrada neste tocante para também acenar ao leitor nossa operação de leitura do objeto.

Entendemos o poder não na dimensão utilitarista de uma riqueza manipulável e aprisionável de poucos para o controle de muitos. O poder faz incidir esse efeito, mas não se resume a isso. O poder para Foucault é capilar e multidirecional, tem uma estruturação microfísica, genealógica; funciona e se exerce, indefinidamente, em rede, haja vista que suas ramificações estão em toda sociedade e a compõem, bem como aos indivíduos e a seus corpos. Não há, então, sujeito livre, autônomo, uno e autóctone, mas sim posições, posição de sujeito que é marcada em saberes determinados na tensão com o poder; somos condicionados, temos nossas práticas discursivas estabelecidas pelas condições de produção nas quais nosso discurso se encontra.

O poder se materializa a partir de mecanismos que fazem os sujeitos serem tomados em posições de subjetividade. Tais mecanismos são, por sua vez, instrumentos de disciplina, são *disciplinarizadores* que modelam, por exemplo, os indivíduos (e seus corpos), calcando-se nos saberes preexistentes e fixados no seio social. Nesse sentido, podemos afirmar que o poder não é unilateral, não pode ser compreendido como instância maciça; todavia, seus efeitos são concretos, ou seja, há efeitos de poder, redes em que ele é apanhado em movimento sem fim, em relações de nunca acabar.

Nesse espaço intervalar de práticas e de nuances entre saber e poder, o discurso apresenta-se como espectro de positividade, isto é, faz-se arena para o imbricamento e

materialização de tais elementos e, no escopo de uma leitura discursiva, permite-nos não apenas refletir sobre as possibilidades do sentido, mas, principalmente, falar sobre suas manobras, sobre o efeito de intencionalidade que ele suscita, a partir de práticas social e historicamente determinadas, práticas atreladas a espaços de saber e a efeitos do poder.

Essa direção é detalhada, por exemplo, na discussão acerca da *Formação dos objetos*, na obra *A Arqueologia do Saber*, quando Michel Foucault (2005, p. 53, grifos do autor) vem destacar que “não se trata, aqui, de neutralizar o discurso, de transformá-lo em signo de outra coisa, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua espessura para fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria [...]”. Essa postura exige definir, de acordo com o pensamento foucaultiano, “os *objetos* sem referência ao *fundo das coisas*, mas relacionando-os ao conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico” (FOUCAULT, 2005, p. 53). É nesse trajeto que trazemos à discussão a tensão entre masculino e feminino, pelo viés da questão do corpo e, sobretudo, pela leitura do efeito de evidência que é reservado, na realidade compósita do Instagram, a um dos polos que perfazem essa relação histórica.

### **3 Mamilos polêmicos: sentido e historicidade do corpo como objeto de dizer**

O gesto de leitura do discurso deve fazer pulular os lugares, os pontos de uma genealogia das coisas ditas, os efeitos de práticas que fazem incidir sobre o sujeito o peso de uma existência na sociedade. Nesta perspectiva, abordar as questões sobre o corpo, assim como é nosso propósito aqui, implica atentar para os procedimentos, ordens e direções que instigam percursos de historicidade e evidenciam a natureza movediça do sentido. O sentido na condição de sua produtividade, de efeito, ligado ao terreno da possibilidade é a proposta que encontramos em Foucault (2007, p. 26) como norte para a investigação arqueogenealógica que empreendemos ao objeto discursivo em tela.

Se interpretar é se apoderar por violência ou sub-repção de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e lhe impor uma direção, fazê-lo entrar em outro jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: uma história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, [...]

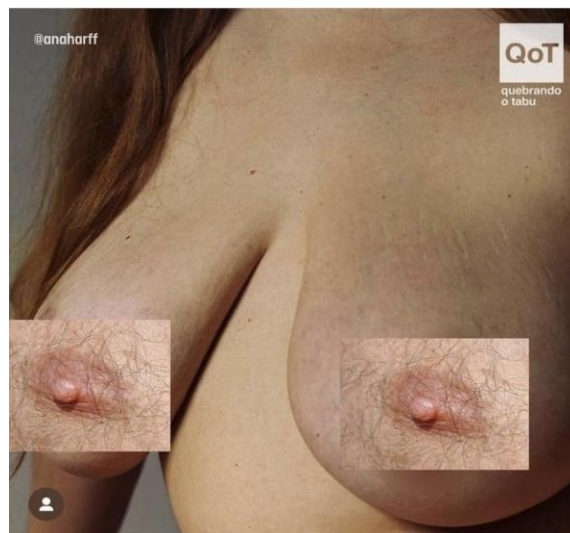
como emergências de interpretações diferentes. Trata-se de fazê-las aparecer como acontecimentos no teatro dos procedimentos.

Neste tocante, analisar o discurso é compreender as relações imbricadas nele. É preciso entender que não existe discurso profundo ou raso, superficial ou imerso. Os discursos materializam efeitos de sentido de dizer a história, de marcá-la, de associá-la a polos de poder, a políticas da verdade

### 3.1 Discursividade em rede: o corpo em trajeto de visibilidade

O *corpus* a que nos reportamos nessa discussão foi retirado da plataforma Instagram e veiculada pela página do *Quebrando o Tabu* (QoT), a qual se coaduna com diversos movimentos sociais e lutas de múltiplas minorias, na tentativa de dar destaque às políticas de cerceamento e de controle das mídias digitais, no terreno, sobretudo, das redes sociais.

Figura 1: QoT - Mamilo feminino na rede Instagram



Fonte: @quebrandootabu

Sabe-se que a rede social deleta e bane qualquer publicação que se vincule à pornografia e/ou à exposição ‘excessiva’ do corpo feminino por comportamento inadequado

em relação às diretrizes da plataforma. Isso se dá, em especial, no que diz respeito à exposição de partes do corpo que possam mobilizar à discussão sobre o desejo e sobre a atividade sexual, a exemplo dos seios e vagina. Ao homem, destina-se apenas a censura do falo. Assim sendo, a publicação em questão é parte de um corpo feminino com seios à mostra, porém, com mamilos masculinos rodeados de pelos no lugar do feminino, numa posição de relevo, encobrendo o mamilo feminino.

Embora a nudez seja vista como tabu, fragmenta-se ela, de modo que, como posto anteriormente, na constitutividade da figura que sobrepõe os mamilos masculinos, apenas a nudez feminina é inscrita na alcunha da não permissividade, o que nos permite enxergar uma operação de cerceamento do visível que instiga ao feminino, efeitos de vulgaridade, de imoralidade, um ataque ao pudor. Neste momento, foca-se na liberdade dada a uns e negada a outras, além da extrema sexualização do corpo feminino e como esse fato influencia os posicionamentos e atitudes da e na rede social.

É notório que a violência e extrema sexualização do corpo feminino remontam a séculos e cristalizam-se nas relações cotidianas, deixando para a história o encargo de pôr em destaque o corpo feminino ao longo do tempo, evidenciando suas questões morais, sexuais, de desejo e de poder. No entanto, ainda que no que diz respeito à operação de justaposição das imagens dos mamilos na figura 1, podemos retomar a questão da descontinuidade do discurso, isto é, ver os espaços, os furos, as fendas, as lacunas desse dizer. Na leitura dos indícios da imagem, e a partir do que apresentamos sobre a nudez feminina, é indispensável observar que essa ‘nudez’ é completamente relativizada, na própria rede social Instagram. Basta observarmos, por exemplo, as inúmeras postagens de atrizes, celebridades e pessoas famosas no carnaval que apresentam ao grande público, sob o signo de um espetáculo, as suas escolhas por ‘transparências’, micro *hot pants* e tapamamilos, nas fantasias usadas (CODECO et al, 2023, n. p.).

Tais postagens do corpo feminino nu exaltam a beleza feminina, a beleza feminina como arte da natureza e como expoente da ‘alegria, irreverência e acontecimento’ da maior festa popular do mundo. Neste trajeto, o corpo nu não é negativizado, ele é tomado em determinados regimes de dizer que o asseguram um lugar/posição de positividade no escopo da visibilidade pública da grande massa.

Em contrapartida, a publicação da página QoT nos apresenta um corpo domesticado, o corpo feminino nu como espectro da imoralidade e como signo do despertar do desejo afetivo-sexual masculino. Notamos aqui, o trabalho de uma *vontade de verdade*, que se quer fazer crível, universal, quer seja ligando o corpo feminino desnudo ao mais baixo e promíscuo da sociedade, quer seja impondo o efeito de choque e de estranheza na estratégia de justapor as imagens dos mamilos. Essa última representa uma cisão, um corte de resistência à instauração de uma determinada ordem de condução da visibilidade midiática, suas políticas e práticas de controle e de conversão do olhar.

Podemos inferir, então, que o Instagram é uma instituição punitiva, a qual é regida por saberes coletivos, que aplica a punição a partir das regras e normas da plataforma. Essa recusa à permissão dos mamilos femininos em publicações na plataforma endossa o estigma sobre a mulher que está no imaginário popular, além de criar efeitos de poderes que conseguem extrair o máximo de docilidade desse corpo, de modo que ele é controlado. Normaliza-se que o corpo feminino deve ser coberto, não-livre, pois essa liberdade pode ferir a própria mulher.

No entanto, em determinados cenários e condições de produção, o mamilo feminino não é apagado, mas sim exaltado e objetificado, pois ele assume, em determinadas condições de emergência, efeitos de poder, de controle, sobre a figura masculina. Assim, essa relação está intrinsecamente relacionada ao corpo ativo, economicamente útil, politicamente dócil, ao qual se refere Foucault em *Vigiar e Punir*, o que vem consolidar formas de dominação, em especial, do indivíduo na sociedade. O corpo é modelado a partir de saberes e instituições que causam efeito de poderes mediante esses saberes, adestrando esse corpo objetivamente (FOUCAULT, 2004).

Adestra-se o corpo, concebe-se que a mulher deve ser ensinada a controlar seus desejos, enquanto o homem é esse ser primitivo, animalesco. Adestra-se o corpo para que admitam como verdade que mulheres, de *correta postura social*, aliadas aos valores tradicionais, são aquelas que não se sexualizam, não se curvam à promiscuidade inerente ao seu corpo desnudo exposto a todos.

Adestra-se o corpo para saber que mulheres não admitem pelos, são lisas, possuem estrias, celulites (naturais, biologicamente falando). Os pelos, neste recorte de controle, são

representativos da masculinidade, evidenciam a natureza máscula do homem, dão-se para esse fim somente. Assim, o feminino se faz no masculino, se faz em sua clara divergência e contraste; essa operação de dizer e mostrar o corpo é, por sua vez, vetor que impulsiona e dá suporte ao adestramento desse objeto. O feminino é alvo de uma imoralidade que é instigada com algo que lhe é inerente, que lhe é natural. O trajeto e esquadrinhamento desse objeto discursivo, fragmentado, assentado no saber-poder, é o que fomenta a discussão no tópico seguinte.

### 3.2 Corpo e discurso: o limiar de uma relação constitutiva

O discurso acerca do corpo vem sendo construído mediante à história, às transformações sociais, econômicas e filosóficas que cunham a concepção desse arcabouço. Essas transformações não cessam; são contínuas, haja vista que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 126). São transformações pulverizadas através da instauração de aparatos sociais que são cristalizados pelas transformações e revoluções. O corpo, objeto de discurso, é a matéria que fomenta as operações de controle e que instiga, a partir disso, o trânsito de subjetividade.

À luz do *corpus* de análise, podemos destacar a operação de controle com a edição (e fusão) de duas partes de corpos binários (masculino e feminino): busto e mamilo. Os seios à mostra são “cobertos” pelo mamilo masculino e a aréola substituída pela representação do masculino. Essa troca é polêmica: tem-se a edição que joga com o efeito de apagamento sobre o mamilo feminino e, ao mesmo tempo, tem-se o destacamento que ressalta a permissividade do mostrar o corpo masculino. No escopo da semanticidade que tal operação de edição enseja, podemos assinalar que um dos mamilos é encoberto, pois atrela-se ao desejo e que, portanto, deve ser vigiado, sua proliferação cerceada, punido, deletado. O outro, por sua vez, não segue a mesma linha, é mais aceitável, permissivo.

Vale destacar que ao trazer a imagem de um mamilo feminino desnudo, na sua disposição natural, a publicação seria imediatamente deletada, haja vista a infração das

diretrizes de ética vigentes no tocante à alimentação da plataforma Instagram<sup>3</sup>. Dessa forma, nota-se aqui a atuação da interdição realizada por parte da rede social a qual negligência o corpo feminino, pondo-o em um lugar de margem, de promiscuidade, valorado através do olhar masculino, cis-heteronormativo, sexualizando-o excessivamente.

Nesse alinhamento, podemos ler que a imagem, para além da sua apresentação como postagem rotineira, constitui-se como uma crítica, um movimento político, a afirmação de corpos, de igualdade, a denúncia que põe em relevo à questão do silenciamento do feminino, operado pela lógica de uma política de controle da visibilidade. A interdição, o cisalhamento de gêneros, ao conceber o efeito de privilégio ao masculino frente ao feminino, promove enfoque à cultura patriarcal institucionalizada, que é dominante, esquadrinhando o que pode e não pode ser exposto e sexualizado.

O objeto em tela é fabricado por meio da operação de edição, ordinária para a mídia, que dela se vale para suscitar efeitos no interlocutor e controlar, moldar, seu entendimento. O realce dado ao corpo através do busto feminino, do seio, pescoço e cabelos que tomam quase todo o espaço da figura, se contrapõe à justaposição dos mamilos masculinos que interdita a materialidade e cunha o efeito de cerceamento do signo feminino pelo silenciamento. A configuração da imagem associa o seio feminino à imoralidade, suscitando efeitos de vergonha e preconceito.

Frente ao exposto, é notório que o Instagram parte de uma política de controle do visível do corpo feminino, das partes íntimas, intrinsecamente relacionado ao cuidado de si, assim como cunhado nos estudos foucaultianos. O cuidado de si regulamenta a obediência da mulher aos regimes tradicionais, pulverizados nas mídias e materializados pelos discursos. É nesse sentido que o discurso da preservação do feminino é calcado. Nesta mesma formação discursiva, temos, por exemplo, os discursos de práticas contra o assédio, comércio sexual e cultura do estupro.

O trabalho discursivo sobre o corpo feminino, o cuidado de si envolto na preservação do feminino, a manutenção dos bons costumes e a permissividade do corpo masculino frente ao feminino em rede não passam de vontades de verdade que são materializadas em discursos

<sup>3</sup><https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/20/facebook-e-instagram-vaio-rever-proibicao-de-mamilos-femininos.ghtml>. Acesso em 08 de abril de 2023.



que se movimentam no eixo do desejo e poder; discursos que que querem se fazer verdade (FOUCAULT, 2014) e que oportunizam efeitos de sentido atrelados a temas polêmicos e sensíveis, tais como: a sexualização excessiva do corpo feminino, sua exposição em rede e os sentidos de imoralidade e vigilância social então suscitados. *Os mamilos polêmicos* não são somente uma publicação que aborda a razão de uma inaceitabilidade fingida dos mamilos femininos, mas é também uma crítica ao corpo padronizado, não real, ao lugar da mulher na sociedade, à sua função na sociedade e para o homem, e, por fim, a sexualização inerente ao corpo feminino.

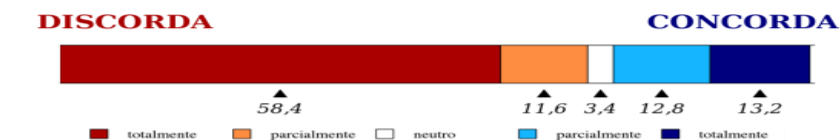
Tais efeitos são possíveis pois atentamos para a disposição de seios reais: não há idealização de um corpo de padrão universal, perfeito, regular. É possível ver estrias, veias por baixo da pele branca. A gravidade atinge-os, não há silicone ou qualquer outro método invasivo da indústria da beleza, apenas um par de seios flácidos e reais, acobertados por um mamilo rosado e peludo, enrugado e masculino, desprovido de vergonha e imoralidade, repleto de virilidade e ausente de desejo, pois este é o oposto do feminino, este é o social, é o imaginário politicamente correto e aceito.

Pelo trajeto do corpo e discurso construído até então, notamos que o corpo comunica, que ele é regularizado pelo olhar masculino, pelo desejo e o poder, pela vontade de verdade mantida pelo saber-poder, assim como trata Foucault (2014). Esse saber-poder entre masculino e feminino cria uma relação de serventia, de sobreposição, silenciamento e evidência que é perpetuada por séculos e que é reforçada nas estruturas sociais.

O gráfico abaixo traz dados estatísticos que corroboram a leitura de que o corpo feminino é visto pela sociedade em trajeto de intolerância, a questão da afeição à evidência de uma nudez que passa a constituir-se como alvo a ser combatido.

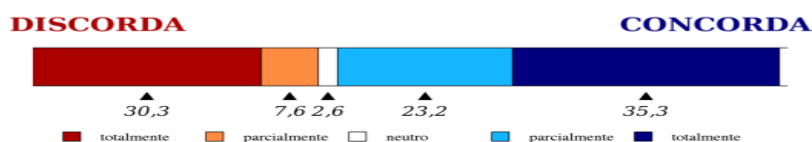
Figura 1: gráficos sobre a intolerância social e violência contra as mulheres

**Gráfico 24**  
**Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas.**  
 Brasil (maio/junho 2013)  
 (Em %)



Fonte: Ipea/SIPS Tolerância social à violência contra as mulheres.

**Gráfico 25**  
**Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros.**  
 Brasil (maio/junho 2013)  
 (Em %)



Fonte: Ipea/SIPS (sistema de indicadores de percepção social), 2013.

A figura acima, retirada do *Indicadores de percepção social* (IPEA, 2013), apresenta dois gráficos sobre condições para ataque à mulher. Nas respostas, tem-se que 26% concordam (totalmente ou parcialmente) no primeiro caso e 58,5% no segundo. É nítido que no segundo caso tem-se mais da metade das respostas que culpabilizam a mulher pela violência contra seu corpo, além disso, não há garantia de que as respostas para os questionamentos vieram apenas de homens. Esta lacuna permiti-nos refletir acerca da visão da mulher sobre ela mesma.

Questões como essas endossam as problemáticas de gênero e a violência contra o corpo feminino que está interseccionado nas teias dos saberes e poderes que regulamentam a vida pública. Dessa forma, os discursos polêmicos e sensíveis sobre o gênero afetam igualmente a mulher, moldando seu pensamento segundo a régua social e estrutural da masculinidade.

Assim sendo, o corpo que é permissivo, que não fere as diretrizes do Instagram, que é instagramável para além do carnaval, não é o mesmo para os gêneros binários. Assim como intentamos discutir no decorrer desse trabalho, o feminino torna-se objeto de uma política de coerção alicerçada no silenciamento e na invisibilidade, mas ocupa lugar potencial de

positividade que instiga, por sua vez, o batimento de discursos, dizeres, saberes e poderes voltados à construção de um ideário polêmico.

## Conclusão

Lançamos um olhar linguístico-discursivo para os dizeres e discursos produzidos e veiculados na/pela mídia para dizer o corpo como objeto histórico, como construção atrelada à exterioridade, à historicidade, como marca de uma subjetividade. Vimos aqui os meandros de um discurso afirmativo que imputa a revelia de sentidos e que nos levar a enxergar como o sentido, na sua condição de efeito, perpassa, atravessa e constitui as interseccionalidades, as lutas e os engajamentos na vida social.

Tratamos da publicação da página *Quebrando o Tabu* na atenção aos efeitos de um discurso de permissividade em relação ao orbe binário entre masculino e feminino. Incutimos ao objeto um revestimento discursivo a fim de localizar o corpo no espaço de operações e estratégias ao mesmo tempo de evidência e de silenciamento e, para além disso, a fim de discutir a posição que a ele – corpo – é reservada no emaranhado intervalar de práticas e dizibilidades dos sujeitos contemporâneos.

Lemos que a colocação do corpo em (dis)curso coaduna o espaço de midiaticização desse objeto com a crítica e o batimento social e, nesse entremeio, emergem pontos de resistência, contrapoderes, no sentido de trazer à visibilidade uma caracterização do Instagram como um operador discursivo, isto é, uma ferramenta de mídia que instiga a relação entre discursos, a partir de uma historicidade que produz efeitos de misoginia, machismo e subserviência do feminino.

Longe de abordar a essência de uma crítica que busca culpabilizar, buscamos com a nossa leitura discorrer sobre o sentido, evidenciando sua natureza de possibilidade, de efeito, apanhado na emergência de contingências históricas determinadas; o sentido oportunizado em operações do dizer e do visível. Não é que a intencionalidade tenha sido a de caracterizar o Instagram como rede punitiva ou como espaço de coerção e cerceamento apenas, mas sim a de pôr em suspenso as práticas e os discursos referenciados e tomados nesta rede social, ratificando a necessidade de problematizarmos e compreendermos nossas condutas, nosso

pensamento, nossa subjetividade, como vetores históricos, como instrumentos condicionados a nossa colocação social no mundo.

## Referências

- APPTUTS. *Quantos usuários do Instagram existem no Brasil e no mundo em 2022?* Disponível em: <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-instagram-existem-brasil-mundo/>. Acesso em 13 mar. 2023.
- CODECO, T. [et al]. *Mamilos à mostra no carnaval: com política contra assédio, mulheres se sentem mais livres na folia do Rio*. Portal Yahoo Notícias. Disponível em: <https://br.yahoo.com/noticias/mamilos-%C3%A0-mostra-no-carnaval-183115139.html>. Acesso em 20 mar. 2023.
- DAVALLON, J. (2007). A imagem, uma arte de memória? Achard, P. et al. (Orgs.). *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2007.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. *Definição de corpo*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corpo/>. Acesso em 31 jan. de 2023.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. As heterotopias. In: FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2009.
- INSTAGRAM. *Quebrando o Tabu*. @quebrandootabu. [Publicação]. Acesso em: 10 de mar. 2023.
- IPEA. *Sistema de indicadores de percepção social: tolerância social à violência contra as mulheres*. 2014. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres\\_novo.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf). Acesso em 09 abr. 2023.
- MILANEZ, N. *Audiovisualidades: elaborar com Foucault*. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.
- OLIVEIRA, M. R. M. de. Weblogs: a exposição de subjetividade adolescentes. In: SARGENTINI, V. NAVARRO-BARBOSA. (Orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- RESULTADOS DIGITAIS. *Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais*. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=Instagram,O%20Instagram%20foi&text=De%20acordo%20com%20o%20r>

eport,d%C3%B3lares%20pela%20transa%C3%A7%C3%A3o%20na%20%C3%A9poca.  
Acesso em 13 mar. 2023.

SILVEIRA, F. de A. FURLAN, R. *Corpo e Alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia*. Psicologia USP, 2003.

---

<sup>i</sup> Graduando em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS).

E-mail: [giordan.victor.703@ufrn.edu.br](mailto:giordan.victor.703@ufrn.edu.br)

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4714024567103954>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4871-7508>

<sup>ii</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS)

E-mail: [genario.pinheiro@ufrn.br](mailto:genario.pinheiro@ufrn.br)

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9756306898141968>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2261-9221>